

Tendência cincoanista mostra o time de Sarney

Articulações políticas tranquilizam Presidente e fortalecem 11 colaboradores mais próximos

A. C. SCARTEZINI
Especial para o CORREIO

Um pouco de articulação política mais uma dose de sorte permitiram ao presidente Sarney um final de semana tranquilo. "Agora, o mandato de cinco anos para o presidente passa a ser uma certeza", comemoravam os homens mais próximos ao presidente, desafiando o nervosismo com que o Planalto esperava pela decisão da Constituinte, prevista para ainda este mês.

A mudança na expectativa em torno do mandato começou no sábado do último final de semana, quando Sarney retornou de exames médicos em São Paulo com uma boa notícia na bagagem: os médicos o liberavam para trabalhar pelo mandato e suportar as tensões consequentes do processo na Constituinte. "Vamos trabalhar bem", sugeriu o ministro Ronaldo Costa Couto, chefe do Gabinete Civil, a colegas do governo.

O trabalho começou no próprio final de semana, quando o Presidente passou a planejar a última etapa da operação sobre a Constituinte pelo mandato de cinco anos. Numa conversa íntima com 11 colaboradores, colocou suas cartas sobre a mesa, entre desabafo sobre as tensões do poder e pedidos de colaboração a cada um.

"Eles são os nossos 11 apóstolos", justificou-se na assessoria presidencial a natureza íntima da conversa entre o presidente e os auxiliares previamente selecionados em sua equipe de governo, mais a missão que cada um recebia do chefe. "Foi a última ceia dos quatro anos de mandato", emendou-se na assessoria sobre a reunião que exorcizou os receios presidenciais.

A MISSÃO

Ao final dos desabafo em torno das tensões provocadas por pressões da imprensa e do Congresso sobre a sua honra pessoal, Sarney comunicou aos 11 conselheiros a disposição de não responder a interpegação judicial anunciada pelos senadores da CPI da Corrupção — para que explique o "terrorismo moral" da comissão —, e atribuiu uma missão ao grupo

1. Trabalho intenso para que a UDR não perdesse na Constituinte a disputa em torno da reforma agrária — temia-se que a derrota dos fazendeiros representasse uma aliança informal entre a direita e a esquerda por uma eleição presidencial ainda este ano.

2. Sacrifício de membros de escalões inferiores do governo comprometidos com constituintes que trabalham pelos quatro anos de mandato.

A resposta veio com a vitória da UDR contra a reforma agrária — decisão que repercutiu no Planalto como uma fonte de estabilidade social no campo na medida em que forçaria os fazendeiros a tornarem produtivas suas terras para evitar a desapropriação, gerando-se empregos, produção e renda. Também começariam em seguida as demissões no governo.

Completaram as alegrias do Presidente dois fatos políticos sobre os quais o Planalto não detinha inteiro controle:

1. A transferência da convenção do PMDB combinou com as expectativas mais otimistas do Planalto ao revelar o controle do deputado Ulysses Guimarães sobre o partido apesar das pressões da esquerda interna e externa. De quebra, a nova data da convenção torna praticamente inviável a preparação do PMDB, o maior dos partidos, para uma disputa presidencial no final do ano, ao mesmo tempo em que reduz a possibilidade de um racha interno.

2. As decisões contra os banqueiros, tabelando os juros e reduzindo os bancos à atuação financeira, colaboraram com as expectativas mais otimistas do governo na medida em que levam a Constituinte, agora, a enfrentar mais uma pressão externa, poupando-se a pessoa de Sarney nos confrontos diários da Assembléia.

Enfim, restaria controlar a carga que a CPI da Corrupção pode fazer sobre o Presidente nas vésperas da votação do mandato, tema que também compareceu à conversa dos 11 conselheiros. "Com a CPI, basta o Antônio Carlos dizer alguma coisa", disse um dos personagens do conselho.

A equipe de conselheiros mais ouvidos pelo presidente inclui políticos de diferentes origens. Entre os 11, cinco são ministros do PMDB que abriram espaço próprio dentro do Governo. Três ministros do PFL que têm assento no conselho são antigos companheiros de Sarney do PDS e da Arena. Os outros parlamentar.

OS HOMENS DO PRESIDENTE

Entre os 11 conselheiros de Sarney cinco são ministros peemedebistas:



BORGES SILVEIRA

Chegou ao Ministério da Saúde como representante do PMDB do Paraná que se opõe à liderança do senador José Richa, antigo amigo íntimo de Sarney agora na oposição. Destaca-se pela fidelidade ao presidente e trabalho integral a seu favor. Antigo deputado Federal, seu projeto pessoal é a sucessão do governador Alvaro Dias.



ÍRIS REZENDE

No Ministério da Agricultura, revela capacidade administrativa de um político profissional com as maiores safras da história nacional. Exerce sua liderança política no Centro-Oeste, entre evangélicos e com parlamentares vinculados à agropecuária. Com forte carisma pessoal, percorreu em Goiás todos os escalões eletivos sempre como o mais votado. Articulador político, mas extremamente discreto.



JADER BARBALHO

Entrou na política pelo MDB e chegou ao governo do Pará depois de passar pela Câmara dos Deputados. Exerce a hegemonia do partido em seu Estado em convivência harmônica com o governador Hélio Gueiros, eleito com o seu apoio. Exerce uma missão delicada no Ministério da Reforma Agrária ao mesmo tempo em que coloca todo o seu poder político, particularmente de articulação, em sintonia extrema com Sarney.



PRISCO VIANA

Na sua antiga profissão como jornalista, já era conhecido como "estivador", jargão profissional que define o repórter com extraordinária capacidade física de trabalho ainda que sem brilho intelectual, qualidade que o levou à estratégica posição de secretário-geral da Arena e do PDS — onde comandou o partido ao lado de Sarney. Várias vezes deputado Federal, tornou-se Ministro da Habitação.



COSTA COUTO

Economista profissional, passou a dedicar-se ao trabalho político paralelamente desde a administração do almirante Faria Lima como Interventor na fusão Rio-Guanabara no governo Geisel, quando ocupou a Secretaria de Planejamento do novo Estado. Sua ação política destaca-se pela operação eficiente e sempre discreta. Seu horizonte pessoal é o governo de Minas Gerais, mas não tem pressa quanto ao calendário.

Os três ministros do PFL que participam do conselho vieram da Arena e do PDS:



ANTONIO CARLOS

Desde a sua origem na política balana, nunca estabeleceu limites para sua ação pelo poder. Nessa escalada vale tudo, sobretudo a mão de ferro com que passou pelo governo do seu Estado e a capacidade de conquistar amizades sólidas — embora nem sempre eternas — com os donos do poder em todos os seus sentidos. Ministro das Comunicações, trabalha com toda a força e paixão por Sarney. Pensa na vice-presidência da República e na própria presidência.



JOÃO ALVES

Operoso trabalhador político, governou Sergipe e chegou ao Ministério do Interior pela banda nordestina do seu partido, mas não em harmonia com a porção partidária do senador pernambucano Marco Maciel. Gosta de realizar obras estrondosamente e articular discretamente. Segue com toda fidelidade a orientação do Planalto com acentuada capacidade de mobilização.



HUGO NAPOLEÃO

Sem ser um homem de ações estrondosas, promoveu com sucesso sua escalada política no Piauí aliado à antiga liderança de Petrônio Portella. Deixou o governo do seu Estado em 1986 com a eleição ao Senado, cuja cadeira trocou pelo gabinete de ministro da Educação. Age sempre politicamente e consegue dar à sua ação política uma sustentação intelectual. Discute um pensamento político com a mesma naturalidade com que despacha com um vereador.



CARLOS SANT'ANNA

Aprendeu o gosto pela política como secretário da Saúde do governo arenista de Roberto Santos na Bahia. Como deputado federal, aliou-se a Tancredo Neves na fundação do antigo PP depois de passar pela Arena. Mais tarde, sempre com Tancredo, incorporou-se ao PMDB e chegou a ministro da Saúde. Retornou à sua cadeira na Câmara e lidera a bancada de Sarney com toda a dedicação. Pensa no governo do seu Estado.



SALDANHA DERZI

Fazendeiro com antiga vocação política, veio da Arena e está no PMDB. No antigo regime, conquistou uma cadeira biônica no Senado e redimiu-se pela reeleição pela via direta em 1986. Ocupa a liderança do governo na Casa e sempre atua politicamente em nome dos interesses de Mato Grosso do Sul, cujo governo coroarão sua carreira política que inclui mandatos de deputado federal.



THALES RAMALHO

Uma das últimas raposas políticas, espécie em extinção, forjada na escola do velho PSD, como Tancredo Neves, com quem dividia a liderança na Câmara dos Deputados da corrente "moderada" do antigo MDB — em contraposição aos "autênticos". Fundou com ele o PP mas não incorporou-se ao PMDB. Preferiu o PDS. Homem de conversas ao pé do ouvido, é capaz de uma lenta articulação política com paciência infinita.